

INTRODUÇÃO

I. PANO DE FUNDO: O MUNDO DE EZEQUIEL

A. AMBIENTE POLÍTICO

Ezequiel nasceu em um mundo turbulento. Os principais personagens do palco do antigo Oriente Próximo trocavam de papel e nações menores estavam desaparecendo de cena. Por séculos os neoassírios haviam mantido seu poder imperial na região, às vezes, alcançando até o Egito. Na época da morte de Ashurbanipal, em 627 a.C., no entanto, tornou-se evidente que os assírios não somente se estenderam exageradamente; eles também tinham perdido o coração imperial. Enquanto isso, os babilônios estavam só esperando a chance de atacar. A Babilônia havia sido um centro político importante por mais de mil anos, tendo produzido em milênios anteriores personagens de expressão mundial como Hammurabi (c. 1792-1750) e Nabucodonosor I (c. 1133-1116). Mas desde o século 8º., os babilônios estavam dominados por seus vizinhos do norte, os neoassírios. Esta situação era claramente um insulto ao orgulho babilônico, e uma agitação anti-Assíria se acendia repetidamente na terra. O desafio mais significativo foi colocado por um importante xeque caldeu, Merodaque-Baladã, um contemporâneo de Ezequias de Jerusalém (2Rs 20.12; Is 39.1).¹ Mas o poder assírio prevaleceu, e em 689 Senaqueribe aplicou um insulto final sobre a Babilônia, a cidade santa, trazendo a estátua de seu padroeiro, Marduque, e demolindo a cidade.²

A queda do império assírio coincidiu com a emergência de outro gênio de descendência caldeia, Nabopolassar (625-605). Surgindo da obscuridade, esse homem não somente fundou uma nova dinastia na Babilônia; também lançou a base para um dos mais brilhantes, ainda que breve, impérios do mundo antigo. A velocidade dos eventos históricos aumentou quando ele entrou em cena. Em 626, ele obteve uma vitória reverberante fora da Babilônia no último dos ataques dos assírios a essa cidade. Em 616, Nabopolassar avançou numa ofensiva, levando seu exército para a cidade do Eufrates. No entanto, alarmado quanto ao crescimento do poder babilônico, sob a liderança de Psammeticos I, os egípcios fizeram o impensável, mudaram de lado e se uniram aos

assírios para impedir o avanço babilônico. No entanto, em 614, os medos uniram-se à briga ao lado dos babilônios tomando a cidade de Assur. Os aliados continuaram sua pressão no império decadente, cercando Nínive, em 612, e a derrubando três meses depois. O que restou do exército assírio trabalhou duro em Harã. Com o auxílio dos medos, em 610, Nabopolassar conduziu as forças combinadas do Egito e Assíria para fora da cidade. Em 609, uma tentativa foi feita para retomar Harã, mas acabou falhando. A batalha decisiva ocorreu quatro anos mais tarde em Carquêmis (Jr 46.2). Com esta vitória os assírios foram apagados do mapa para nunca mais se ouvir falar deles, e os egípcios foram forçados a retornar à sua terra natal, chorando como cães com o rabo entre as pernas.³

Se Nabopolassar foi o fundador da dinastia, a legendária glória do império deve ser creditada ao seu filho, Nabucodonosor II (605-562), que havia servido como general das forças babilônicas na espetacular vitória em Carquêmis.⁴ Após a vitória sobre os assírios, ele perseguiu os egípcios até Hamath. Antes que ele pudesse conseguir o controle sobre o Levante, recebeu a notícia que seu pai havia morrido, e foi depressa para casa para consolidar seu poder na Babilônia. Mas ele não ficaria distante por muito tempo. De fato, deste momento em diante, os assuntos de Judá tornaram-se tão misturados com as atividades babilônicas que para o nosso propósito devem ser examinados juntos.

Apesar da aparente conversão de Manassés naqueles dias (2Cr 33.10-20), o qual reinou de 687-642, a História o destacou como o pior rei a sentar-se no trono de Davi (2Rs 21.1-18; 24.3-4), e o reino de Judá nunca se recobrou da degradação espiritual que ele trouxe à nação. Após 45 anos de paganismo patrocinado pelo governo, a apostasia judaica estava tão arraigada que as reformas rápidas do bom rei Josias (640-609) não puderam fazer mais do que um risquinho na superfície, mas não por falta de tentativas. Subindo ao trono de Davi numa tenra idade de 8 anos, Josias representava a última esperança de Judá. Suas tentativas de romper com meio século de paganismo ao purificar a nação do culto pagão aos objetos, a eliminação da adivinhação e magia, a centralização da adoração pública em Jerusalém e a reinstauração da Páscoa são atos louváveis (2Rs 23; 2Cr 34). Sua extensa campanha contra a idolatria dentro do reino do norte

(2Cr 34.6-7), assim como seu esforço em 609 de interceptar o Faraó Neco quando a caminho do norte de Carquêmis, sugerem que ele estava tentando restaurar o antigo reino davídico. Mas tudo isto ainda era pouco e era já muito tarde.⁵ Sua morte trágica, com a idade de 39 anos (2Rs 23.28-30; 2Cr 35.20-27), deixa-nos curiosos sobre como as coisas poderiam ter sido se não tivesse morrido tão cedo. Ou mesmo nos faz pensar que era honrado como Enoque, fora de lugar no tempo em relação aos planos divinos para Judá. Será que o destino da nação havia sido selado assim tão cedo, de maneira que era necessário Deus levá-lo para prevenir que suas reformas se enraizassem? Estas são questões intrigantes.

Após a morte inoportuna de Josias, o povo instalou seu filho do meio, Jeoacaz, no trono. Mas seu reino foi somente de três meses, o suficiente para demonstrar que havia herdado mais qualidades pessoais de seu avô Amon (642-640) do que de seu pai Josias. O Faraó Neco tomou vantagem das incertezas políticas em Jerusalém após a morte de Josias e colocou o próprio fantoche no trono, Eliaquim, o filho mais velho de Josias, dando-lhe um novo nome, Jeoaquim como um ato de soberania (2Rs 23.31-37). O reino de Jeoaquim foi fatídico. Continuando com as políticas espirituais de seu predecessor, ele conseguiu desfazer a maioria dos efeitos das reformas de Josias.

Algum tempo após 605, quando Nabucodonosor havia consolidado seu controle na Babilônia, suas forças retornaram à Palestina para continuar a ofensiva contra os egípcios. Eles foram expulsos de Judá, e Jeoaquim tornou-se um vassalo da Babilônia. Para manter a lealdade judeia, Nabucodonosor levou alguns dos nobres, como Daniel e seus amigos, para a Babilônia.⁶ Mas Jeoaquim não se inclinou a concordar com as exigências de seu novo senhor, e em 598/597 se rebelou. Agora Nabucodonosor chegara no limite. Com uma multidão de outros exércitos, após um sítio de três meses, as forças de Nabucodonosor levaram Jerusalém a se dobrar.⁷ Jeoaquim foi capturado e, aparentemente, executado (Jr 22.18-23; 36.30), e seu filho Joaquim colocado em seu lugar (2Rs 24.8-17). Mas ele reinou somente para estabelecer um padrão de maldade, e também não poderia ou não queria conduzir seu povo em submissão aos babilônios. Nabucodonosor respondeu às suas tentativas de diálogo com o Egito, em busca de ajuda (2Rs 24.7), com severa indignidade: o rei, a rainha, os oficiais

reais, cidadãos de destaque, e uma vasta quantidade de despojo foram removidos para a Babilônia.⁸ Muitos desses cativos, inclusive Ezequiel, foram alojados em uma colônia judaica separada, próxima a Nipur, no canal do Quebar.⁹

No lugar de Joaquim, Nabucodonosor colocou o filho mais moço de Josias, Matanias, que foi chamado de Zedequias (2Rs 24.17-18). O reino deste, que era o último descendente de Davi no trono de Jerusalém, foi um fiasco. Zedequias fez aliança com seus vizinhos em várias ocasiões para lançar fora o domínio babilônico. Em 589, com Tiro e Amon, e com o patrocínio de Edom, eles declararam uma revolta aberta. Desta vez, Nabucodonosor respondeu com uma vingança. Judá foi invadida,¹⁰ e Jerusalém sitiada. Após mais de um ano, as muralhas, finalmente, foram derrubadas. Zedequias fugiu, mas ele logo foi capturado e levado a Nabucodonosor em Ribla. Os filhos de Zedequias foram mortos enquanto ele assistia a tudo, então seus olhos foram furados, e foi levado acorrentado para a Babilônia (2Rs 25.1-21; Jr 52.9-11). Dois meses mais tarde, o general de Nabucodonosor, Nebuzaradã, incendiou a cidade, reduzindo até o templo a uma pilha de entulhos e deixando somente alguns sobreviventes para tentar a vida entre as ruínas. A nação de Judá havia desaparecido.¹¹

B. AMBIENTE SOCIAL

Durante o exercício de Ezequiel como profeta de Israel, os judeus foram encontrados em três localidades principais: Judá, Egito e Babilônia.¹² De acordo com o registro bíblico, os babilônios deportaram virtualmente todos os que haviam permanecido do povo (*yeter hā'ām*) de Judá após o primeiro exílio (597 a.C.), e as devastações de 588-586 (2Rs 25.11; 2Cr 36.20; Jr 52.15); somente alguns dos “mais pobres da terra” (*middallat hā'āreṣ*) foram deixados para trás para cuidar das vinhas e das plantações de azeitona. Dos poucos deixados para trás, muitos fugiram para o Egito com o assassinato de Gedalias, o governador instalado pelos babilônicos.¹³ A arqueologia confirma a completa devastação da terra, particularmente nos principais centros de população como Jerusalém e Lachish.¹⁴ Em geral, o povo que permaneceu sofreu severa depressão expressa na pobreza econômica, na letargia política, e na insensibilidade espiritual. Embora uma nova classe de *nouveau noblesses* (relativamente) emergisse, inevitável-

mente, eles exibiam a mesma tendência para com a arrogância e a falência espiritual de seus predecessores. De acordo com Ezequiel 11.14-16, eles não tinham entendimento de sua rica herança religiosa e nenhuma sensibilidade ou piedade para com os compatriotas deportados.

De acordo com Jeremias 44.1, colônias judias foram estabelecidas no Egito em vários locais: Patros, Migdol, Tahpanhes e Mênfis. Mas a descoberta moderna de vários papiros tem enfatizado como principal a colônia militar na ilha de Elefantine, no Nilo.¹⁵ Como essas pessoas chegaram até lá é desconhecido; devem ter chegado tão cedo quanto à época de Manassés.¹⁶ Esses papiros revelam certa autonomia quanto às questões sociais. O clima religioso era sincretista. A Páscoa e os sábados eram celebrados a Yahweh (*yhw*) e um templo foi construído para ele, mas muitas outras deidades eram também invocadas: Ishumbetel, Anathbetel, Sati, Nabu, Anathyahu, Khnub, Bel, Sahmask, e Nergal.¹⁷

A audiência primária de Ezequiel era a comunidade de judeus na Babilônia. A Mesopotâmia há muito tempo havia sido a patrocinadora da imigração israelita forçada. De acordo com registros neoassírios, centenas de milhares de cidadãos do reino do norte foram espalhados por todo o império.¹⁸ Nabucodonosor manteve essa política com os da Judeia, trazendo a nata da população para a Babilônia e sua vizinhança. Essas determinações de deportação foram dirigidas por vários objetivos: (1) quebrar a unidade nacionalista e a resistência; (2) destruir as estruturas políticas ao remover os líderes civis e religiosos; (3) prover recrutas para o exército babilônico; (4) sustentar a economia da Babilônia.¹⁹

Muitas perguntas permanecem quanto à cena social do exílio, mas algumas características são claras. Primeira, embora Jeoacaz ficasse no trono de Davi somente três meses, após a humilhação inicial de deportação, ele parece ter passado relativamente bem na Babilônia. Inscrições babilônias referindo-se a ele como “o rei da terra de Judá” registram que ele e seus filhos receberam rações dos estoques reais.²⁰ Se isto era um tratamento especial por bom comportamento ou para manter a pressão sobre Zedequias na terra natal, ou um tratamento comum para todos os reis estrangeiros residindo na Babilônia é incerto. Jarros usados para estocar, provavelmente datando desse período, foram descobertos em vários lugares na Judeia com as inscrições